

LUIZ MURAT

CENTENARIO DE BOCCAGE

Discurso proferido na
sessão solenne do Retiro Literário Português,
no dia 2º de Dezembro de 1905

RIO DE JANEIRO

Imp. do Off. do Governo, Es. Typ. do S. T. P.

1905

Minhas Senhoras

Meus Senhores

No Rom. II. havia Chateaubriand escripto acerca dos poetas: «Ces chautres pertencem á uma raza divina. São possuidores do unico talento incontestavel». Sobre as suas cabeças desce o divino *Rharmos*, a dadia sagrada, feita pelo céu e a terra.

Ingenuidade e sublimidade, eis os seus dois modos de viver. A sua bocca de ouro emborace-se na celebração dos deuses. Como as plantas que manifestam a sua simplicidade, o seu tucurro, o seu extase, pela aroma, elles exprimem essa triplice emoção: involuntaria pelo encanto, pela naturalidade, pela pureza das suas estrophes. Ali é um agito com os hermortaes; além, o gozo, a jovialidade, a despreocupação entre as crianças. Excedem os sábios, porque, se, depois, a philosophia ou a sciencia, vão encontrar factos da razão no que passava, até ali, como obscuras legendas ludicas ou gregas.

Notara euinente escriptor, que os poetas, sendo não aptos para explicarem as leis que regem o Universo, são muitas vezes, sendo quasi sempre, desageitados para os negócios mais corriqueiros da vida. Não sei se lizer-os ao porto de affirmar com esse mesmo escriptor que, vivendo os poetas na maior intelligencia com as fôrças da morte, morrem sem de tal se aperceberem. Elles a não temem, é o que é mais certo affirmar, pelo habito em que estão de dar vida as ruínas, de dar alma ás catástrophes que desabaram sobre cidades interitas, sobre imperios que pareciam invulnereis. O acorde com que elles vêm, desde a mais remota antiguidade, exaltado é pranteado, segundo a oscillação do pendulo que marca a extrema felicidade ou a extrema desgraça dos povos,

os factos da humanidade, têm este ponto de semelhança com o espleto dos judeus: insistem, embora a mais violenta di-
persão, no meio das nações. Extinge-se em qualquer parte do mundo, escravo em seu proprio paiz, sobre as ruínas do seu templo, sobre o desencadziamento das coleras e das perse-
guições, e os inextinguíveis, severos, insubmissos, sublimes, hasteando a bandeira da sua fé nas anécdotas das muralhas derribadas.

A poesia fallava-se com as hercambes, como exalta-se com os triumpfos da justiça sobre as injunções desmaiadas do poder, da liberdade sobre o infante esquivo, que por tanto tempo acorrenção o gero humano, tendo os olhos fixos nesse ideal que o grego assignalara no seu orgulho e na sua grandeza de vencedor dos destinos.

Esse capitolio incendiado nas desordens que são um dos marcos sinistros da degeneração romana, photographia, pela magestade das suas labaredas, esse mundo que se agita, fani-mejando, no coração dos gerios da poesia, rebeldos contra a ascensão injustificavel e esterilizadora da actividade do homem da sciencia em face do sentimento da humanidade, de que elle — o poeta — se constituiu o consolo, na terra. A sua acção, o seu prestigio, são impereciveis, assim o julga. Era o lacer que baixasse a este planeta para que não desaparecesse nos braços do morto essa população algemada que veio à patria de Scipião reger o monumento onde devem morrer os christãos.

Ignoravimos até hoje as bellezas do passado, se o arreio, a penetração em a perspicacia dos homens da imaginação não tivessem reduzido o cinzel que esculpira sobre um arco de triumpho os ornamentos que abrilhantaram as pompas de Salomão.

A magnificencia da poesia está precisamente, meus se-
nhores, na sua simplicidade. Opera sem processos, sem ma-
chados inventivos para produzirem os efeitos desejados.

O classicismo que se nutria de apostrophes e prosopo-
pæas, deu lugar a uma nova concepção de arte que consiste em firmar a composição, não sobre figuras de rhetorica, mas sobre uma idéa fundamental, onde os movimentos da ordem natural se correlacionam a uma immensa harmonia, nos da ordem social e moral, imprimindo a palavra o calor que ella vigorosamente representa na composição litteraria.

Assim, quando se diz que somos os palefrenos da arte pela arte, sabéis senhores, o que queremos dizer? E' o se-

gnate harmonisar bella a forma com o fundo, procurar llo-
una combinação perfeita; introduzi-lhe na apparente immo-
bilidade da estrutura, esse fundo de amor, de enthusiasmo e
de ternura, que é a força que desfaz as asperezas do contorno,
a vibração que resoa na trama subtil, onde está presa a alma
ansiosa de todo o ser que não perden no espectáculo das des-
igualdades humanas os primeiros acentos da estorpeia.

E' incomparavel o serviço que nos presta a poesia, assim
considerada. Quem, sendo ella, agarrpa em torno das pertri-
cidades, das perseguições, das luctas, das injustiças da vida,
esses nobres sentimentos de onde decorem as mais elevadas
ações, inspiradoras das obras immortaes.

Que difficuldade se não depara ao poeta, cercando no
verso o modelo para todos os archivos, para todas as conso-
lações, para todas as espheras em que andam milhares de
corações afflictos de chegarem ao mesmo termo, do sabite a
este infinito deserto, que nos acena com os seus horizontes
uniformes; uns ampara com as suas vagas que ao longe
se levantam, batidas pelo Sirocco?

Sem cor, sem perfume, sem sabor, não ha poesia. Poesia
é imagem, é sentimento, é idéa. A ellella, diz Victor Hugo,
constitue artisticamente os seus pannos do seu alveolo de cera
e depois enchê-o de mel. O alveolo é o verso; o mel é a
poesia.

O século XVII por um de seus legiões mais illustres afi-
gurava scepticamente não haver distancia entre o poeta
e o rectificador; que era a poesia, então, senhores, segundo
essa ingenua e categorica sentença? Qualquer coisa de ana-
loga a um mixto de razão e delirio; o bom senso e a natureza
perdidos n'uma prousão de eufemias, lembrando essas mu-
lheres apuladas em seus dizes e adorns.

Accusam-na de obscura, ás vezes. Obscuridade, meus
senhores! A poesia é na a religião sempre nova, com a qual
os meios se vão pondo de accordo, medida que se lhez apuram
as faculdades. Confundem naturalmente mysterio com
obscuridade. O mysterio é o abstracto de toda religião,
como é o fundamento de toda a poesia. O que ha de myste-
rioso em Gœthe, em Shelley, em Byron, e porventura, o
que ha de sobreleva em belleza e em força. Surprender, con-
statar, pintar, uma nova perspectiva, é, certamente, conquistar
ao mysterio uma determinada porção do ser humano.

M. Guyon condensou, assim, esse vago pensamento
que andava esparsa, aqui e ali, nas obras d'arte e de philo-

sophias: são aspectos diversos que revestem, ao longo, os objectos, abrindo para claridades que a sciencia descobrirá um dia.

O poeta é sempre um sábio a seu modo, mas aquillo que a sciencia possa ter de mais atajado e expontado.

Vê-se bem, ainda que ha uma marcha ascensional, uma cretística, irrevogavel, no desenvolvimento da poesia através os tempos. Depois de ser uma creadora de imagens, ou diz o espirito gradativamente a evocação de idéas, ultimando esse trabalho de fundirse pela criação de sentimentos, que, amalgamando-se com as ámas primitivas evocações, acabam por estimular-se reciprocamente, por se confundirem em uma palavra, na formula critica de toda a concepção puramente imaginativa; *præter-intelligens*. Assim, formulando a scriptura concepção da arte, o poeta derivára para o domínio da critica o que a philosophia grega auctuára como sendo a própria beatitude divina. Ora, meus senhores, em somma, em que consiste o prazer de pensar—essa bemaventurança virgiliana?

É satisfazer curiosidade; pois comprehender é pensar e pensar que coisa é mais do que penetrar arcanos da sciencia e da philosophia? Não o sábio de abstracção em abstracção, atravessando longos circuitos luminosos de idéas, atastado por um numero invisível, o qual a cada enigma da natureza, system e passo, deixando parar sobre cada sorriso da sphinge nova interrogação que, muitas vezes, só depois de longos seculos, obtém a resposta definitiva.

É só interrogando e é só pensando, parcialmente, mas sem repousar quasi, que o homem attinge o infinito. É principalmente, porém, secundado pela poesia que elle lança o clarão inspirador e temerário sobre o mundo brumoso, moil e absoluto das coisas!...

«Ter achado pelo raciocinio ou pela experimentação, eis a sciencia, sentir ou presintir, auxiliando-se da imaginação, eis a mais alta poesia.»

Apaienada, viva, impaciente, a arte opera por improvisos, não assume esse caracter de paciente exausto, constata factos e pondo em relevo as leis abstractas, sob cujo império se erguem, esclarecendo, aqui, cooperando ali, para a vida universal. Em que consistirá essa improvisação, esse ingente esforço, que auctora e ultrapassa a realidade? Por um processo magico de aliviação.

De factos, de supposição em supposição, de hypothese em hypothese, sem se aperceber bem se está de accordo ou não

com que a sciencia verifica, crea as leis do possível, pela reconstrução indirecta da realidade.

É o que a sciencia pôde ter de mais assombroso. Estudando a função das mathematicas no campo dos phenomenos abstractos, disse um eminente pensador: para o mathematico, as dimensões do nosso espaço não são o que costumamos mais do que a realisação parcial de possibilidades infinitas. Ora, estudando-se o papel que a arte representa nesse conjunto maravilhoso de aquisições e de descobertas, o espirito é levado a crer que a sua função não é senão a de occupar-se exclusivamente dessas possibilidades. O que fica da sua passagem triumphal pelo mundo origina-se desse contemplanção, dessa exploração, desse estado incertamente feito sobre as realidades. Esclarecamos: a arte plana na obscuridade dos mysterios; abstracta, porém, ás rasas dos possíveis e irrevisitos. Sem discrepar do que o bom senso posue de salutar, deixando a sua phantasia ultrapassar os parâmetros alcançados pelos nossos ollos, consueva sempre os pés no chão e analoga em todas as tempos as combinações supremas do Universo, apegando a razão trivial dos processos vulgares da repetição. Na retina do poeta o possível é já a realidade; a propria allucinação não é um caso de pathologia cerebral, mas um producto ainda do real.

Por mais fundo que seja penetrada a psychologia, ainda não pode explicar como se produz este phenomeno, que alligem clarão os encontros do poeta com o inverosimil.

Quem está affeito á convivência da vulgaridade, quem só tem tido commercio com a realidade trassa; quem não vê nas proprias forças mecaulicas as transformações que dão lugar a outras tantas evocações poeticas, mas simplesmente revelações grosseiras de forças mais necessarias á existencia material dos homens, certo, denominá-lo-á, méros allucinações? Não vos molestéis, senhores de traca imaginação, que andeis a apregoar como aquisições positivas dos methodos modernos de investigação o que já havia sido affirmado como realidade, muito antes da vossa sanção, pelos veridarios do sentimento que, apoderando-se de uma verdade obscura, no dominio das probabilidades, extraiu com ella a revolver toda a espessa massa do vosso cabedal, circumscripta ás affirmativas da vossa apreguada experiencia e do vosso emperrado confidenciabismo.

São os cegos, meus senhores, não são que o a realidade a creadora do mundo subjectivo.

Não será a obra d'arte a superposição da natureza subjectiva ao elemento concreto, fornecido pela natureza objectiva?

A obra do genio é a camada humana superposta aos materiais que a natureza universal lhe offerece, como grão-bulbo que é de uma nova existência que começa com a morte.

A realidade, em relação ao poeta, disse um dos seus dramas o grande genio da Inglaterra, é mais diversa da realidade sentida por um homem vulgar.

Nelle, é muitas vezes, visão.

A accessão, por exemplo, destes versos de *L'âne* é suggestiva:

L'esprit en réel traverse la poésie.

.....
*Tant en rêdant, chef de la création,
 Te la voir, elle est la là grande vision,
 Elle moult, elle pose, elle remplit l'atmosphère.*

É o glorioso traçographo inglês, indiano, entre o sonho e a realidade, amoldado pelo papel desses contrastes superficiaes que, em substancia, nada mais são do que entidades analogas, deixa erigir a sua melancolica imaginação sobre os mysterios das coisas, cujo formidavel aspecto, começa por opprimir o coração e acaba por arrebatá-lo a intelligencia.

Assim na *Tempestade*, acto IV, despede-se da platéia do seguinte modo: «Estes seres, nossos actores, eram apenas espiritos! fundiram-se um ao, no ar subtil...; semelhantes a edifícios sem base d'esta visão, as torres todas de nuvens, os palácios sumptuosos, os templos solennos, este mesmo globo immenso, e tudo que elle contém se dissolverão um dia e tal como se dissipou esta insubstancia, pantoasmagoria, desaparecerá sem deixar arraz de si nem um só fio de vapor. Somos feitos do mesmo estoffo que os sonhos e a nossa limitadissima existencia é cecidade de sonhos».

És aqui a realidade. Não ha sciencia que o conteste.

Mas qual será, além de tudo, a influencia dominadora, o prestigio de que decore a obra d'arte; sem os quaes ella seria impotente para reunir, congregar e disciplinar as forças rebeldes e quasi irreconciliaveis que agitam de todo em todo, a alma humana?—O amor. É ali que a imaginação veste a armadura com que vai arrostar as paixões revoltas, os odios recalcitrados, os impetos irrefreáveis, as bordes convulsões

narias que a inveja acula contra os bem-fisores da humanidade, contra os Christos que offerecem a sua vida em holocausto ao supremo bem—assí-a, de ideal unren attingido, sonho que envolve esperanças ineffaveis, sortiso prophético, indito promissorio de uma paz eterna, de uma ventura infinita... Crear, human. Como o amor, é um ser de ta vigília; é um quadro de opposições e de contrastes que acabara por fundir-se na mesma expressão de *sera* e de *belleza*; é um jogo de percepções sem plano, e uma desorganisação, uma desordem que attingem ao maravilhoso sem que se saia coiza, sem atilaciones com os meios de que falgua não para collectar o que a natureza humana possui de mais espontaneo, de mais aggressivel, de mais santo!

Crear situações menos rigorosas, submeter novos seres a novas condições de vida, montar a sympathia um instrumento incompartivel de sociabilidade, destinal-a a reerguer o mundo, a redimir os escravos da fé obscura, inabordable, irreligiosa, e's o papel do genio poetico, menos senhores. Nello devem sobrelevar as mais altas qualidades, como as de ternura, pois, é desenvolvendo-a a mais attenção te possível, que elle é verdadeiramente grande, verdadeiramente util, verdadeiramente fecundo.

*Je me suis pris d'amour pour tout ce qui se vaie,
 L'art l'est de la tendresse.*

Esta caracteristica é essencial.

Não sendo assim, teriamos a arte feia, a arte inexpressiva, brilhante, por vezes, mas sem o fulgor moral que nos adverte no tocante a nudade da nossa origem. A arte não é simplesmente um movimento, mais ou menos contido pela imaginação e calcada nas impressões recebidas no espectáculo da natureza; não é a penetração da imaginação pela sensibilidade; queramos dizer pela sensibilidade traza, expansiva, fecunda. Pois não será, por ventura, esse esforço da sensibilidade, que faz do genio a expressão antecipada da sociedade, o resumo, embora vago, de acontecimentos futuros, que o vulgo não pôde apresentar so realismo, dando assim nascimento a um novo mundo, isto é, a um novo conspecto social?

Sentimento superior, em verdade, creado pelas adversidades, pelas vicissitudes humanas, por da meditação e da piedade, que correm no paganism com o desespero de Catão e no christianismo com os seus martyres, constituindo assim,

para sempre, o fundo melancólico de toda a poesia e de toda a religião.

Não foi senão essa melancolia christã, de que se impregnara a crítica e a philosophia, que intellectualizou a arte de Homero e de Dante a dar um passo decisivo modando a face intellectual do mundo, desde os primeiros seculos da nossa era. A poesia moderna é, pois, mais mediativa do que contemplativa. A melancolia é o seu soco. Desse delirio melancólico nasceu o drama, o drama que De Maistre chamava um deus não existente, mas que tem os seus dogmas, seus oráculos, seus padres, seus concilios provinciais, e mesmo concilios e um clero proclamando-lhe a autoridade, a primazia sobre qualquer outra forma de religião.

Mas, senhores, já é tempo de fallarmos do poeta, cuja gloria exalçamos neste momento.

Tuus grandis. Muitas vezes o excelso cantor do *Yris*, arrebatado pela confiança que tóra, por ventura, a força do século XVIII imprimia ao verso o sentimento de audacia que o destaca dos seus contemporâneos. O que se censura a Bocage é principalmente aquelle tom de impiedade de que, ás vezes, se reveste a sua Musa. Mas a impiedade quer nos diga que não era o que ainda é hoje, a audacia de apressar a poesia chegada áquelle ponto, um divino a que se destina o homem? Toda vez que um progresso nas idéas não se realisa o poeta blasphema ou pranteia.

A sua negação, a sua aspiração; o seu grito de descrença é um acto de fé. Não nega a coisa, revolta-se contra a sua não realisação, contra as correntes desencantadas que arrastaram consigo o ideal que elle julgava tocar com as mãos tremulas. Essa revolta envolve a porção de ideal, a que pretendia dar sangue e movimento, em pesadas trevas, de onde saem vezes de desolação, serenas de irrealismos de desespero. P. Leroux, paraphraseando Mont. de Stael escrevera que o poeta é o representante do sentimento na humanidade. E por isso que, toda vez que o homem da sensação e da actividade se satisfaz com este mundo miseravelmente estagnado, e o hou. em da intelligência procura aperfeiçoá-lo, o poeta indigna-se com a sua lentidão e acaba por exprimir apenas dolorosas queixas, por arrastar gritos desesperados contra os príncipes que o opprimem a uma sociedade que o não attende. E como a sociedade procede neste caso?

Perseguido-o, condemnando-o, opprimindo-o, cada vez mais, de modo a transformá-lo a existência n'a n. carcere

humano, e os seus gestos ha. monicosos, emballados em sonhos de uma candidez celestia em estigmas de loucura. Byron foi, des. rta, um talento, Voltaire um impio, Rousseau um deg. gerado, Bocage um insano. Esse orgulho, que o Sr. Rebelo da Silva inculca com uma das marcas interiores caracteristicas ? que reveste ao rosto do poeta o tom morbido, materializando-se ainda nesses assonos que o tornam, ás vezes cruel, vêde, senhores, são fillos de uma dessas hypostasises generosas, se bem desordenadas, tão communs aos poetas do século XVIII.

Originalidade desse impulso nobre, dessa aspiração irremissivel, de criar uma sociedade nova, visto como a esthetica superior é uma emoção social, filha da visão do poeta, da familiaridade com o seu ideal de uma sociedade a vir, essas vigílias arrastadas, ou essa virilidade do talento «gasta» no campo e nos sentencias pelos abusos e excessos, a que o arrastaram a sede de aventuras e os impetos de selvagem independencia de que tallam os biographos do grande Bocage. O que se tem escrito sobre esse poeta pouco differo do logar commum. Ite. in inquietação, desvio da serenidade, organização de liberdade; primeiros viciando nas orgias, como em sy. gias aruas, e arrastando, de transformação em transformação, essa excellencia, essa superioridade, esse quilate de obra prima, a vós deve Portugal o poder contar na sua litteratura umis esse forão de gloria immarcescivel!

Bocage, nos seus elevatios, nas suas quedas, nos seus estros, nas suas apostrophes, nos seus gemidos, é o prodigio desse arranco do espirito humano para se libertar dos dogmas e preconceitos monstruosos que o aferravam ao passado, e, obedecendo aos impulsos do seu temperamento não fez mais do que confirmar a leida de que os poetas sentando-se, como os heries, a mesa dos deuses, não deixam, por isso, de ser perseguidos e defendidos por elles; perseguidos, durante a vida, detondidos, depois da morte. Depois, sim, porque não é raro vel-os, no coro das apothenses, confundidos com as divindades. A ode de Horacio a Augusto, fillo de Cesar, o descendente de Venus, sendo uma hesoja, no tocante ao ser. dor dos destinos. De Roma renascente, é uma justiça feita aos poetas. Despojados, meus senhores, da sua natureza mortal, com o fillo de Jupiter, elevaram-se até aos céos.

Bocage não era bello, nem robusto. Animava-lhe o rosto esse sublimitate, essa magia do improvisio, desenhada á mediocridade, *aurum mediocritatem*. Os genios são habitados por

potencias conspiradoras que os toros inabitais d'existencia mitorre do continuo dos mortaes, a vertigem que os arrasta para os precipícios do raminho servo-lhes torabeta mais tarde, de ancora de salvação. Metter, é anconar. Mire. do Siad faz notar um razão, que a poesia, entendo o seu casto doloroso, anuncia a necessidade de uma regeneração social.

As obras encerram esses primários de regeneração; e verte n'ellas a dor do que é, com o desejo do que deve ser. D'ahi, o attribuir-lhes essa faculdade mystica de Scripta.

A' sombra dos robles o Dódona resda em as suas prophetas.

Qua, sempre ha quem nos venha contar, com algum pasmo no semblante, que Elmano, presentando a morte, deixara o hit no regaço de amigos mais de um suspiro quente das agitações que chorou, o que certamente, é o indício de que até fechar os olhos, atru e foi atru.

É misterio para a acuridade das inclinações contrariadas para que lhe vibre o estro, para que possa ser definitivamente encorporado ao concerto unanime que todas as nações contemporaneas encontram, quando a poesia, exorta a necessidade de regenerar os povos, p'ntando as suas esperanças e fazendo da luta de as não ver transformadas em factos, um meio de atingir aquella desenvolvimento, aquella regeneração, aquella triumpho da cultura moral.

Axar! não era mister que Ovidio o gredanasse e Michel, sacerdotamente, liasse do amor a pedra angular da propria Historia. Bocage suou muito suor, com o carme superstitioso do Dante, com o desregramento de Snakspeare, com o recolhimento compungido de Camões, com o egoismo de Caethe, com a suffiguição perambulante de Byron, com o delirio, mais senhores, com que, em su'ima, todos os poetas amam.

Então as Nacercias e Marilhas ha sempre uma que n'atuação entre nos acompanha, desde a nossa juvenude, que embellestra o painel virginal da nossa adoração, «como a imagem celestial de que a morte nos priva e, que, passando entre os membros voadores, une a mãe aos filhinhos, torando-nos a solidão da morte, um jardim de amores, cheio de gorgelas e de encantos».

Que é a poesia, sendo lagrimas ardentes crestando os sorrisos da esperança, lisando o mar de chumbras que a adolecencia amoldada e viva, mais tarde, dispersas no espaço e apoiadas pelos denubios euforizados do escarcio? Que engano,

descobrir antagonismos entre Bocage e Lamartine! Em que aumenta a poesia de ambos? Nessa mesma estetica e nessa mesma moral, a que se chegava a religião da vida e que, sendo expontanea em Snakspeare, foi, porisso mesmo, anterior a philosophia moderna.

Estão ou não estão ambos encorporados a esta crise de re-nascimento, em cujos horisontes se amparam tuvens ameaçadoras, nuvens de irreconciliáveis amarguras, de ideias que reflectem toda a ambigüo dos nossos tempos, toda a febre produzida por uma arte iconoclasta, revolucionaria, florescendo nas ruínas de uma religião que ella propria ajncou a derrubar do seu pedestal?

A que l'uanas deve a *Quinta de um Arjo* a sua opulenta colagem? A esse resumo que estendera a angusta fronte para que, á sua sombra, *Exalta* e *D. Juan* emenciassem de plausibilismos encondutores os idyllios que o lago e o bosque transmittiram aos novos e aligeiros colonos que buscavam em climas mais doces, refugio para os seus anceios.

Todos, todos, todos, sem excepção, vivem sob o imperio dessa exacerbação olympica que ecoou na Alemanha e na Inglaterra como um pulso ou como um épodo, sob a forma delirante de que se revestiam os hymnos de Hoffmann e de Werner. Bocage padecia dessa mesma insomnia.

O Sr. Rebelin da Silva disse-o bem:

Elmano «redonda do sentimento que o devora», é a cratera vomitando a lava-amor. Quando acode para consolar o infortunio, esse acto de piedade christã tem a sua revelação alienor na propria natyza, que é ainda a aspiração insopitavel para um ponto indefido que o pensamento debuxa apenas no meio das parvas teorias que o cercam. Resigna-se logo, para profligar a amada e a causa do desespero que produza a resignação.

A piedade, em Bocage, era quasi irreversivel, 17' muito conhecido o seguinte caso, que vale a pena recordar aqui. O grande poeta «era» convidado insistentemente por um diluente cavalheiro para uma festa em sua casa. Bocage não au nou, apesar das reiteradas instancias do alluado senhor.

Depois de muito casto o poeta confessorou-lhe não possuir sapatos nem trajes decentes para comparecer á reunião. Conhecido o ubaculo não tardou o remedio.

Veio a roupa e o segundo recado de não faltar. O poeta promettera; annunciou-se a vinda, esperaram-n'o até tarde, mas em toda a noite não chegou. Ao outro dia, indagado o

motivo da omissão, um mendigo era quem a explicava. O pe-dinte entrado-lhe pela porta a dentro, estendendo-lhe a mão: «Estámos em igual estado, meu amigo, não posso ser real.»

«Morrerei então de frio e de fome!»

«De Frio, não encira Deus! (gritou Bocage com as lágrimas nos olhos). Vira este frio, cubra-se com elle!» E deu-lhe quanto achava de receber. Não é possível que a moral christã encontre muitos exemplos semelhantes.

É isso que consiste ser máo: toda a simplicidade e toda a grandura da religião pregada pelo divino Mestre.

Dizem que, sem embargo, os eunheosourar todos esses preciosos dons, os applausos a outro lhe feriam o coração; que seu orgulho attingia a excessos tyranicos. Não era tyrannia, não era inércia. É que ha homens dotados de um character tal de duplicidade que vão conseguindo tudo quanto pretendem, assumando as posições culminantes sem que ninguém saiba como. São agulhonada pela sorte com uma habilidade, com uma pericia, e com um jeito para se amoldar as circumstancias do meio em que vivem, que chegam a passar por espiritos eminentes quando não precaria verdade consiste simplesmente em velar os instrumentos adequados a preparar o culto á sua unica ambição neste mundo.

Achar sempre uma sôfida para seus negocios literarios, eis o fim. Donde dessa especie de incredulidade jocosa, neopria dos epiconistas, fazem do scepticismo uma fudra desfilada, a arma com que vão combater, do modo a não fallar o éxito, encontram, embora, no caminho adversarios mais destros. Deparam-se a Horacio des-es artistas eximios na arte de enganar os contemporaneos, apesar de haver elle proprio sido um triu-phador, visto como a sorte o havia sandado desde o berço com o melhor dos sorrisos. Era um tombo, ás vezes, attitudes escandalosas, e a traseira que, invariavelmente, traz afivellada ao rosto, é por via de regra, arrastada no momento em que o applauso retumba com os applausos que o artista levanta no púlvéo. Epicuristas, sem nenhuma sã das qualidades notaveis dos contemporaneos de Horacio, podem aborrecer, como Catullo, depois da ceia, mas nunca praticar essa severidade romana, peculiar aos tempos da renaissance pagã.

«Mas como se perdita o conhecimento e a sympathia das tradições nacionaes, escreve o Sr. Theophilo Braga, a imitação das literaturas greco-latinas, continuou a sua forma

de gosto no século XVIII, em um esforço deliberado das academias denominadas *Arcadias*, cuja influencia se prolongou no primeiro quartel do século XIX, resistindo tenazmente a renovação esthetica do Romantismo. É esta forte e autographa corrente de imitação que Bocage representa, manifestando um «excepcional talento comprido pelas normas de gosto da sua época, e mais ainda pelo estado de uma sociedade que perdura a consciência da sua dignidade nacional, e dentro do qual foi perseguido ao no um revoltado. Quando um Herger, um Uhland, um Wieland, acrescenta o mesmo escriptor, se iam inspirar nas fontes tradicionais da sua nacionalidade, e cercavam na sua independência e originalidade a litteratura allemã, a falta dessa intuição amesquilha o maior genio poetico que o século XVIII produziu em Portugal, começou Bocage por imitar a Arcadia, os Quindantistas, o pseudo-clássico francez, e acabou por imitar o latim. Foi o que se deu com Beranger, por exemplo; não é certo, em tão grande escala, a critica encontrou na obra deste defeitos quanto a allusões mythologicas improprietas ao novo gosto e periphrazes classicas de uma elegancia um pouco enquiçada.

Depois deve-se ler a critica da depressão do meio as deformações literarias soffridas por aquelle genio. A civilisação portugueza havia chegado a um ponto tal de ignorancia e fanatismo que muito difficil fóra a reacção isolada de um homem contra os preconceitos alvares da seita, as suspeições reaccionarias recabiam nos espiritos mais notaveis da época, como Ganda da Serra, Padre Theodoro de Almeida, Ferreira Ganda, Daque de Lafões etc., etc.

De um lado, a perseguição monárquico-religiosa, de outro, como consequencia ainda dessa mesma atmosphere de sentinzelas e de aldes, os desregramentos da vida de Bocage, exacerbados pelos amores hallucinantes e epilepticos, pela paixão da popularidade nesse ambiente portuguez, e o jacobismo, cuja trivialidade cultivavam em Lisboa. A paixão da popularidade, o delirio do éxito, de se fazer lembrado todo o dia, embora em improvisos meimicos, ou escriptos condemnados a priori; mania superficialidade, despautico que levam o homem do éxito aos appausos insinceros da turba e ao precosismo protector das mulheres, mas nunca a posteridade ou a gloria.

Quão differente é o intento dessa severa intuição inglesa acerca do papel da human de letras na civilisação contem-pa-

rança? Ali, o auctor lança ao segundo plano o applauso immoderado do publico, certo como este, de que a massa sobre a qual operam tem ainda a capacidade necessaria para receber a pressão do pensamento superior, do sentimento verdadeiramente nobre, do juizo de iniciativa e de invenção. Toda a vez que a intelligencia de um escriptor pretende agir, no meio em que vive, é mancha de um baldaescripto revelando loucas insperadas, ou para usar de uma linguagem philosophica, ficando de nada apparente uma nova synthese de dados pre-existentes, sem duvida, que esse escriptor não trabalhe para se salír bem de uma empreitada que não possa trazer gordos proventos, mas a consequencia para augmentar o patrimonio de idéas de seu tempo, tentando, assim, os escriptores inglezes que continuam a sua marcha para a frente, importando-se muito pouco com o facto de terem sido ou não ouvidos, de terem sido ou não comprehendidos pelo auditorio, habituado aos ensalvadores de palavra facil e de logares communs, ainda mais facéis.

Quem conhece as aptidões excepcionaes de Bocage distinguem-se vendo o afastamento da tradição do povo, o que no século XVIII parecia aliar-se a uma nova inspiração poética e não imitações sedicções do classicismo francez, falso nas idéas, fraco na forma, incongruente e desvalorizado immitivamente, pois não representava uma corrente de inspiração da qual se pudesse auferir algum resultado.

Assim foi que Bocage não comprehendu os parâmetros tradicionais conservados inconscientemente na *saudeira*, insurgindo-se contra os mistos, Padre Calças e Joaquim Manoel por trazerem criticada a sociedade lisboense; mas obedeceu a essa mesma corrente de gosto pelo lyricismo allegorico que influia na sua vida e destino, abandonando os estudos technicos, entregando-se nessa idade juvenil a uma dissipação e irresponsabilidade que o não deixaram progredir e o collocaram na impossibilidade de equilibrar-se em uma disciplina moral.

Se o seu destino foi até certo ponto semelhante ao de Camões, como elle proprio o disse, as circunstancias herologicas foram muy diversas. Bocage parte para Goa; Goa, porém, não era um centro poderoso de caracteristico, do onde surgiram heroes de historia historica. O equino de o que importava em Goa, Tullio, se descide muito; e que por a medusa entre os grosseiros claudios, os refrados velhacos, entrecuidados a rãua de pedantes, cuja paixão o cujo o fuzulo, não padam deixar de agarrar ainda mais o arrequito d'arte e bocageana. Mas, á

parte, a opulencia colonial, que o poeta, arroamente laetára com o seu requio, as mulheres orientaes seduziram-lhe a imaginação e são notaveis, sem duvida, e os idyllos piscatorios celebrando os novos amores. Estes amores, entretanto, não sephores, revestiram, por fim, um caracter tão violento que resultaram para a satyra, em virtude das rivalidades eroticas, as quaes, por uma vez, se desarmaram em multascentas, em desvelos e em agravos que avchavam na razão da superioridade intellectual do poeta sobre o espirito da sociedade em que vivia.

Uma, porém, a miseria o sorprendeu foi em Macão, centro do pantufismo do commercio, da industria e da arte chinesa.

A miseria do poeta tornou-se então, mais desoladora diante do excesso da opulencia que, esmagando-o nas alhas dos extranhos, o deprimia ainda mais nos seus nobres sentimentos de homem superior. Cerrado desses elementos radicalmente infensos de invenções epicas; dilacerado, fibra e fibra, pela mais cruel e diligencia; revoltado contra a sua sorte, a despeito de achar em Macão a mais ferrenha hospitalidade e distincção, tudo ali, desde o viver ao uso até a hyguagem *chinesa* (a lingua não, a uma lingua sem grammatica, algarvia, horrivel) sendo acordava, nelle o *gemitus heritabile*.

Dali, pois, a satyra. Nella a idéa, que, em muitos casos, superabundou em Bocage, reveste um colorido incisivo, lyrico. O ferro transformou-se em aço, como dizia Hugo. E a generosidade, que constituia o fundo moral do temperamento do poeta, que não tinha, por assim dizer, mais a transigir-se ainda no range do coragão dos seus inimigos, atordado pelo applauso, pelos elogios immortales dessa porção da sociedade, sempre irreverente, sempre prompta a agulhar os honras de talento contra os ridiculos da burguezia; não, é certo, com essa ponderação peculiar a Horacio, pondo a bolha os exageros do superbo, mas com a indifferença, a incredulidade e o todo humor calculado de um epirista no que essa continencia encerra de mais acerto e desvelano.

Evidentemente, em Macão, descobrem-se pontos de parentença entre a vida de Bocage e a de Camões. A precariedade do seu viver entre os machistas, forçou-o a procurar auxilios do negociante Joaquim Pereira de Almeida. A sua amizade deve Bocage os relatórios com as principais familias da cidade.

Deixando Macão, onde escreveu ainda algumas satyras e deixou versos inéditos o poeta volta a Lisboa. «Destas tor-

mentes viagens, escreve o Sr. Theophilo Braga, apenas ficou uma maior descoordenação para toda a sua existência, hábitos ruins que lhe minavam a saúde, como o alcoolismo, com maior relevo ao sentimento da própria personalidade, dando-lhe um impulsismo que se lhe tornou continuamente prejudicial na sociedade de Lisboa, sendo a chancela oficial de uma monarchia menos do que bizantina, mais o destacava como um doido de talento. Nesta, já de Deus, a democracia brasileira de 1905 se assemelha à lista Byzantina de 1790; ainda os homens da real monarchia continuam a ser por ella considerados loucos enebriados, como fora Bucage, há um século.

Uma coisa, entretanto, dóctos dizem, não podemos deixar de censurar ao mundo de Ovidio, é que, através das suas longas viagens, não encontrasse um elemento novo que offerecesse mais vastas e variadas perspectivas ao seu poderoso astro. Admitta nesse ponto foi assim. Effectivamente cullir a censura de não ter Bucage achado religiões inesperadas dos factos que os múltiplos e surpreendentes aspectos da natureza lhe forneceram a cada passo, no Brasil, na Índia e na China.

Lira, sem duvida, dessas mesmas inesperadas relações que o poeta deveria deduzir essa suprema união, a que a critica com razão, se refere. «Vio novas regiões, mas como um sermão-bulga; os seus versos não receberam desse viver differente nenhuma interesse, dessa natureza nova nenhuma imagem, dessa variedade interminável e impressionante nenhuma colorido. Mesmo nessas regiões que atraz essa, quando escreve, é sempre com espirito allegorico-mythologico dos *Arcades*».

O inverso foi exactamente o que aconteceu o Camões. O autor dos *Luziadas* era, então, um mago essencialmente inventivo. Ha quem affirma que a falta de leitura, de actividade intellectual, foram a causa dessa carencia de concepção original, visto como já estavam publicados o *Walter*, de Coethe, os *Saltadores* de Schiller e, cinco annos depois, a *Iphigenia*, quando surgiu Bucage. Não é exacto a influencia das circumstancias e do meio, que é, sem contestação, notavel, ainda que não nos pareça universal, ao menos das litteraturas e das sociedades, vai crescendo a medida que estas se desenvolvem, e tornam-se quasi nula a sua expansão. Se se antolhe o meio insuperavel ao homem por ser extremamente hospitaleiro e hostil, isto é, si todos os seus compatriotas possuem

sentimentos contrarios aos seus, devera, sem duvida, dobrar-se ou resignar-se a soffrer as leis da maioria. *Dura lex*.

O genio, porém, a esse periodo da Historia responde oppoendo-lhe as suas faculdades soberanas, tornando-se deste modo, a tendencia absorbente da pressão social. Foi o que fez Camões.

Aqui, como em tudo, uso destaco da sua nobre herança psychologica, manteve sempre intacta a sua individualidade e a sua liberdade litterarias. Do contacto com os seus concidadãos só lhe ficou o que havia de fundamentalmente nacional, visto como os meios cessam de ser uma força predominante nas sociedades que atingiram a uma suprema cultura como a Athinas dos sophistas, ou a Roma dos imperadores, como a Italia da Renascença. Nada mais verdadeiro do que a affirmativa de M. Haurégui: para se determinar um povo por sua litteratura, deve-se subordinar as nações aos genios e não os genios às nações, considerando os povos por seus artistas, o publico por seus idólos, a massa pelos seus chefes. Conhecet-se Portugal pelos *Luziadas*, e a Italia medieval pelo Dante.

Sabemos, senhores, qual era a situação moral e material de Camões, antes de terminar o seu poema immortel? Dil-o um critico. São na verdade sombrias as tintas com que pinta o quadro da sua chegada a patria: «Nada mais triste na historia dos cruéis desluzes humanas do que a volta a casa paterna desse filho prodigio, recebido nos braços da sua velha mãe, viúva, desamparada e pobreissima».

De tudo quanto elle amara na vida, na força, a destreza, o ruído, o combato, a gloria, restava-lhe apenas o catinão d'aquelle peito alquebrado, as lagrimas d'aquelles olhos e a herança d'aquellas mãos corugadas e tremulas, estendidas sobre a sua cabeça encaimada. Para que se não deixasse acabar ali de desleixo, de cansaço e de amargura, no acanhado do derradeiro amparo a que podia aspirar na terra, era preciso que elle estivesse ainda solidamente amarrado a vida por esse vinculo maravilhosamente poderoso, quasi indestructivel, a acção da morte, que prende aquelle que enceta um grande feito á conclusão da sua obra.

Camões perseguido, hostilizado, familiarizando-se, se é possível, com todas as desgraças, sem excepção de uma só, desde a fome até as guerras e aos naufrágios, para resistir á dureza da sorte, afina a sua tempera, endurecendo-se do real, assimilando o que as cousas encerram de superior ao homem

para com esses elementos embelezar a natureza e salvar a sua patria.

Bocage, porém, antes de mais nada foi um representante desse espirito reconciliavel, cuja expressão principal desse negativismo geral, o qual na sua formidável agitação, levava a todos os pontos a sua effluencia, provocando a denuncia e a perseguição. Os poderosos flâmulos, influenciados pelas idéas que a França desasseadamente lançava á corrente vital dos povos occidentaes, acolhiam o exílio improvisador com enthusiasmo, dispensando-lhe a sua protecção, pois a lyra bocageana vinha tocada desse sopro de philosephismo voltairiano, sem contestação, uma das causas dos successos da Revolução franceza. Os poetas foram os seus principais delatores, invejosos do seu talento e da sua fama, por isso, por hor fora enrisse as idéas da Patria, como disse o Sr. Ferdinand Denis, no seu *Camões et ses contemporains*, na antiga capital das Indias, pois quem sabe, se as desventuras occasionadas pela nostalgia lhe não trariam ao plectro aquelle neblina, aquelle breioso alento de cavalleiro, entecido ás mais duras desgostas, tão característicos aos versos da *Camões*?

Um dos motivos que determinaram essa desorientação, para sempre lamentavel, da lyra bocageana, foi certamente, meus senhores, o haver o poeta apparecido num momento de extrema acuidade, isto é, ao operar-se a transição social promovida pela queda do regimen catolico-escorial (o avarrecer da idade moderna. D'ahi, o desequilibrio daquelles espiritos, com sendo forças dominantes, «foram órgãos passivos das angustias moraes da instabilidade desse tempo.» D'ahi, ainda, as luctas, as refrigas, os debates, as satyras, que não desabouamos, antes louvamos, pois estas, na sua disciplina e na sua desordem, não sempre exprimem um desequilibrio d'alma, como nos canta *Montes*.

Nesse genero, como em qualquer outro, quasi sempre a lyra de Elmano elevou a arte poética a um alto tempo a perfeição da linguagem, que é difficil encontrar a palavra humana a vesida de maior prestigio e armada de maior poder. E' tão prestigiosa, ás vezes, que contribue, á mágnã da imaginação, para fecundar o pensamento corruando sensações e que se diluem em sentimentos e gozos ineffaveis, que não para o espirito novos thrillas de suggestão e de sonho. Bocage supriu com a entrecção da forma essa deficiencia de idéas e de sentimentos, que usurpa ao espirito poetico, pois a sua belleza e toda a sua majestade. Querê que o lyrista avassale

o mundo? Fazei-o irromper em nova época de crise, isto é, de agitação politica, de revoluções, de guerras civis, de grandes catastrophes. A poesia lyrica é filha do abito, em cujo sub-solo se puleza o encontro de sentimentos profundos, a exaltação dos espiritos, as encoções violentas, onde, a par das virtudes mais excessas se descubram os vícios mais torpes. Tudo isso abriu, como disse H. Rigault, a alma uma via nova de energia para o mal, como para o bem, não se entibizando em uma tranquillidade, mais moral, sem vida, mas menos poetica.

E' lastimavel que sejam effectivamente esses excessos, essas perturbacões, que tanto mal causam aos Estados que não favoreçam a poesia. La Harpe tinha, pois, razão. Do mesmo modo porque se não comprehende a medicina sem as molestias (ambas não se concebe a poesia sem as grandes enfermidades sociais).

Não contais, meus senhores, com os poetas para os vícios dos felizes, pois sa os atterridos bem veres que travem gravadas na fronte a desolados incerteza, e isto porque, já no tempo de Bocage, o lyrista não era mais essa vaga melancolia, expressa em alguns accenos, delicado e pueril—reminiscencias de quadros quasi apagados de memoria, evocações do passado, ternas, quizesas, efêntes... Iluminos os devera repudiar, abraçando as soluções christãs para que se lhe não irrogasse a censura de prodigalisar forças na pintura de objectos de uma inutilidade reconhecida, abstando-se de cantar a alma humana nas suas relações com o absoluto e o eterno.

Todavia, sem embargo de seus transviços, do seu desassano, de ser tantas vezes em obediencia a forma frequencia do prioste não se pôde deixar de admitir, em Bocage, esse espirito de rebellião, de energia negativista, que deixou um selo profundo na litteratura portugueza, no momento em que os edos da tragedia sanguinolenta de 93 vinham perturbar a serenidade do poder, em Portugal, determinando uma furesta reacção da anciedade que via naquella crise buido e esphacelamento dos apparelhos conservadores da sociedade. E' nesse instante que Bocage apparece, como faz notar o Sr. Theobaldo Braga, como um precursor da aspiração do povo portuguez, reatada, mais tarde, pelos vintistas. O poeta não podia deixar de soffrer a influencia do terreno politico, cujos effeitos se generalisaram por todo o continente.

Fra a dissolução irrevogavel do regimen monarchico e theocratico. Quem examinar com attenção as poesias que Bo-

cage, então compozera, verá que a sua mítica sentiu o profundo abalo produzido por essa alarimada reivindicação dos direitos do homem, cujas origens os sentimentos do poeta mal destacavam o que outras não eram sendo os sucessos extraordinários que a Europa, estupefacta, presenciava.

Ora, é fácil calcular, como em toda sociedade, como a portuguesa, que se prostrava às plantas de um governo imbecilmente tucelar, tais sucessos eram encorajados. O mundo ia terminar, não pela chuva de enxofre ou pelo cyclone, mas pelo sangue derramado no patíbulo, pela hecatombe nas ruas e nas fronteiras da França. Bocage, porém, tinha a visão clarividente.

Elle contava a história e as regredes que palmitava, o seu entusiasmo pedio azas á grandesa do feito e desartou-se em versos heroicos como os do soneto: *Contra o Despotismo*.

*Sanhado, inexhoravel Despotismo,
Monstro que em pranto em sangue a furia envas,
Que em mil quadros horribitos te descat,
Obra do iniquidade e do Atrocismo.*

*Assasinar o damnado fanatismo,
Porque te encerra e libere cada ti das as;
Porque o sul da Verdade envolve em trevas
E sepulta a Razão d'um denso abismo.*

Conseguram as denúncias; o estro banal dos poetistas despetavam tôrres sobre a cabeça do grande poeta. Os Outros, a que elle emprestava o taler e a graça dos seus improvisos, as feministas reaes, onde os muros eslavavam e o repentista tornava fascinante, com as cintillações da sua verde e do seu entusiasmo, não empunhavam o brilho que os acontecimentos politicos da França despertavam nas corações nascidos para a liberdade. Por isso, muitas vezes, teve de ceder ao instinto liberal, ao espirito jacobino, o que porventura o temer dos leis repressivas podia anular.

Esse sacrificio, porém, não podia ser duradouro. Operar dos esforços ingentes que elle fazia para abalar os seus impulsos demagogicos, as suas aspirações de liberalismo. Assim, «hebia, fuzava, acudia a todos os Outros porcos, eurdias», lisonjeava os grandes e propulentos para se não perder.

Ah! como lamentamos sinceramente que versos factícios, obediencia a normas antiquadas e representativas da

allegorias classicas, tão exploradas pela medicandade versificada, de quando em quando, viesse subtrahir as olympicas estupres o fundo de realidade idealizada que é o mais puro documento do valor de uma obra d'arte.

Leito de Phisio que a stagação classica não deixava resplandecer aos olhos curiosos da multidão!

Bocage amava também. Amava essa *Marcia* e essa *Analia*.

Uma que atingira a longevidade como *Marilia de Diogenes*, como *Marcella* — o *filha de Jopo de Vega*; outra, que, revivendo o antigo ideal, bella, graciosa de espirito e de corpo, era entranhada, lida, aos canticos do poeta. Não raro as suas estrophes delagavam em interpretações contra a ferocosa esgriva, cujo temperamento fôra um perfeito contraste com o de sua irmã Marcia, a quem Romano, já enfermo, dedicara o bello soneto, que assim começa:

*Contigo, alma pia, alma formosa,
Celeste imagem, de que o céu me peiza,
Que eu vivisse não quiz, não quer que eu viva,
Lá (se não elhore!) ao coração pezoa.*

Neste genero, o poeta, muitas vezes, emmelha com Camões. Seu estro vibra a paixão com um vigor asombroso. O sentimento emoldorado numa forma que, até hoje, não encontram quem a excedesse, tem um relevo, um brilho que fascina. Nada falta, então, á sua arte, pois conta a imagem, ao rythmo, ao accento, o caracter suggestivo e expressivo das palavras. Quantos painéis preciosos se não descartinam á poetica bocageana, e atendei scultores, para o seguinte ponto: o merito de sua obra avulta quando a sua poetica só nos deixa entrever o que é bello, realçando assim o preceito de esthetica moderna que o bello está no que se vê e o poético no que se entrevê. Todas as sombras e todas as claridades consequem-se, o fulgor do sol e o pino, coão, porém, pelo crivo nemureio dos alcantis; a floresta, a luz pallida da lua, o ruído cavernoso do mar, acordando ecos no nosso pensamento e ao nosso coração, quantas vezes se não descartinam ou se não seem, nessas formas indefinidas com que Bocage povoa as paragens poeticas por onde era a sua alma? Como um grande poeta, que era, fez do symbolismo a propria essencia da poesia, pois uma coisa verdadeiramente poetica não se representa por si mesma. Qualquer que ella seja, por mais

insignificante que nos pareça, meus senhores, nos abre horizontes sem limites. É effectivamente maior e mais bella a vida dos seus contornos, além dos muros em que a julgas confinada.

Eis si, é um caso de simples curiosidade anatomica ou geographica; fora desses contornos, é um manual de poesia.

Bocage é grande, porque sendo principalmente geometria e logica a poesia do seu nariz, conseguiu superar com essa logica e essa geometria, abrida-lhe perspectivas fugitivas, planos esquivos, como aries que deitam para o sagrado mysterio.

Nem sempre soude submeter-se a essa claridade uniforme, a esse plano extenso e monotono, a essa superficie vasta, povoada de objectos, tão separados um do outro, tão frios, que parecem mortos.

Muitas vezes, nas suas metaphoras, em lugar de dotar os objectos com uma forma mais brilhante, lhes dá, então, como quer M. Guyau, alguma coisa para investil-la do caracter profundo de puro sentimento.

Para vos mostrar, ainda, o autor que Bocage dedicava a sua arte ha um facto citado por um dos seus criticos que concebem lembrar: «A vida inteira em que Bocage passara os annos mais fecundos da existencia e a espontaneidade assombrosa da sua improvisação levaram a supôr que a sua obra era dispersa e inconscientemente e sem um trabalho reflectido para atingir a expresso da belleza classica. Observando-se os manuscritos de muitas das suas poesias que correm impressas, encontram-se numerosissimas *variantes* que revelam o esforço para alcançar a simplicidade natural.»

A improvisação, que é sempre um privilegio e uma dadia divina, em Bocage, era um assombro, dillo Parn. Meniz. Sem embargo, porém, dessa faculdade assombrosa, um dos elementos occultos da perfeição artistica, porque era sobre o improviso, auxiliado mais tarde, pela memoria, que o poeta reconstruía *variantes* de um paciente labor, é facil de se ver quanto elle amava a sua arte pelo esmero com que trabalhava o verso, e exprimia os seus pensamentos.

A preocupação de Bocage pelo seu *eu*, é um phenomeno pathologico das litteraturas, que herdara, como tantos outros, de alguns de seus predecessores. Montaigne era orgulhoso e alardeava os seus predilectos, o que lhe attrahia graves censuras; a litteratura, ascetismo no século XVIII, um caracter d'exterior e expansionista, apressando-se de territorios de exclusivo

dominio politico, fez de Voltaire um bonapartista mordaz, e de Roussau um enfatuado delirante. Ninguém levou mais longe a ostentação do seu orgulho do que Chateaubriand que se considerava o Bonaparte da litteratura; depois Lamartine, depois Hugo, o qual, apesar das metamorphoses por que a critica o submettera, vede, senhores, como falla de si, como se projecta sobre o mundo que o cerca, como o condensador e o projector dos sentimentos e das ideas de seu tempo.

Mas de onde vem esse orgulho bocageano? Ninguém o disse ainda, mas digmal-o agora, pela primeira vez. Do proprio berismo, da poesia subjectiva, que, induzido o escritor a occupar-se de si, não se nos afugra, até certo ponto, nem auto-olho.

Bocage não limitava o seu esforço a patear as suas qualidades. Por comprehender os outros é que fallava de si. Porém não se presunha nunca, o estuário onde vão ver todos os esforços fecundados da natureza e os raios multiplicados, permeia e luminosa projecção dos espiritos soberanos que ainda hoje estão guiando os nossos passos.

Assa poesia é pessoal, e quantas vezes a sua pena não esteve ao serviço das melhores ideas e em honra do caminho que leva o homem a acquisição do bem e da verdade? Esta commemoração, como todas as comemorações, é o resultado do aperfeiçoamento das nossas faculdades intellectuaes e moraes. A morte não é mais, meus senhores, o esqueleto no banguete de Trinitação, solicitando as convivas ao almoço; nem Catullo, mostrando a Lesbia as flores e dizendo-lhe: goza, antes que ellas se finem; nem os christãos affirmando que a morte é a vida eterna e eterna a gloria nos céos. A morte, na accepção moderna, é o egoismo na conservação e na intensidade das ideas e das emoções communicadas por intermedio das obras d'arte.

A morte é o estímulo ao trabalho, ao pensamento, ao estudo; é o dominio do consciente sobre o inconsciente; o parásito das invenções supremas; a heredicação do espirito encyclopedico a toda a parte, onde se trabalha, onde se aspira, onde se cria; a arte, que vos não pareça paradoxal, que caso da verdade; a borboleta que brinca do bicho de seda. A morte é, effectivamente, uma transubstanciação, quer na pregação de São Paulo a Inocentia Athenas, quer como continuação da vida, milagroso triumpho da lei natural sobre o dogma, da fé scientifica sobre o scepticismo, das energias do pensamento sobre a massa semi-inconsciente dos homens.

Rendamos um peito, meus senhores, ao grande poeta. Vede : aquelle que as paixões e os desejos aproximam tanto e cuja alma tanto gemeu no soneto, na elegia ou no ode, Portugal e o Brazil consagram hoje como um dos maiores lyricos de todos os tempos. Com razão o disseram, que esta alma ergolhada em deites sensuata, procurava-se também diante das virtudes, e, precedendo na lyra a melodia de Chateaubriand e de Lamartine, dava também a lingua de Camões a ironia pungentissima de Byron e o opulento nua da estrophe de Hugo.

A dôr, em verdade, é a paixão dos poetas.

Mais uma vez o doloroso scepticismo, o odio contra os favoçosos, contra os mediocres e contra os detractores decaem ao mundo mais uma obra prima, que são os versos immortaes de Bocage.

Ah! si ella se houvesse voltado sempre para a natureza, possuida, como possua, aquelle sentimento da egualdade humana e o sentimento do amor, em todo o seu idealismo e em toda a sua pureza, como mostrou ter por aquella que não quixera ou não pudera corresponder-lhe, sua obra seria tão grande como a de Camões.

O amor da natureza é tudo em arte, pois muito poucos percebem quanto ella está perto da religião, dessa religião que approxima os christãos de Deus, quando renunciando os seus idolos fixam, de novo, a cúpula consagrada.

Humano não desaparecerá. Primeiramente, glorificado por um século estrangeiro, seu nome não será apenas uma expressão isolada do valor da litteratura portugueza, será uma força destinada a augmentar a solidiedade d'aquelle grande povo, pois um dos caracteres essenciaes da belleza é despertar a harmonia entre os homens. Commemorar é congraçar, é fundir em um certo momento, e de um certo modo, uma sociedade nova n'essa sociedade que desapareceu. Da-se ali um phenomeno que Gótti chamou a communhão dos espiritos n'uma Igreja invisível. Os homens cultos não consentem que se estudem as metuerias illustres. São elles que neste momento se congregam a fim de comemorar o centenario de Bocage, o poeta soberano, gloria de Portugal.

Mestre da arte entre nós, que nos ensinaste a culto da forma, o accento dominador, o canto magnifico. Ninguém te excede na escolha do ornato, no vigor da expressão. Se nem sempre ha nuances de toques nas tuas poesias, ha, entretanto,

abundantemente, esse seprótypo, que se espilha de estrophe a estrophe, como um retambamento de vaga encapelada. Vigorosa lyra, lyra, é certo, a causa do odio dos Arcades, como foi e tu também que, magestosamente, elevaste o monumento á gloria d'aquelle que durante tantos annos de luctos e de amargos sentimentos te manteve entre os dedos, indifferente ás chufas e ás apostrophes, como nos Deu o rão que ha de errar as frentes e castigar a inveja no proprio gremio da arrogante e jactanciosa mediocridade.